

Virgílio de Lemos e a proposta poética de Msaho: diálogos e tradição na poesia moçambicana

ISABELLA LÍGIA MORAES*

* Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

Resumo



Este estudo aborda a proposta poética do jornal **Msaho** em seu mais representativo integrante, o poeta Virgílio de Lemos. Nesse sentido, pretende mostrar os diálogos estabelecidos pelo poeta com diversos movimentos artísticos externos através de seus heterônimos, o que revela uma identidade construída a partir da multiplicidade – das ilhas e das formas de expressão poética. A seguir, procura abordar também a busca da tradição moçambicana e suas raízes aéreas, o que coincide com a busca do próprio poema e se manifesta através da metalinguagem. Trata, assim, da poesia de Virgílio de Lemos com foco no projeto cultural e político de **Msaho**, que converge para a construção de uma literatura própria e representativa de Moçambique.

Palavras-chave: Virgílio de Lemos; **Msaho**; Diálogos; Tradição; Metalinguagem.

O estudo da produção poética moçambicana revela-nos a existência, não apenas de um objetivo literário, como também de um projeto cultural e político. Tal ambição se tornou possível a partir de jornais como **O brado africano**, **Itinerário** e **Msaho**, sendo que este último foi fundado em 1952 e, apesar de ter sido publicada apenas uma edição, foi crucial na luta anticolonialista em Moçambique. Dentre seus editores, destaca-se o poeta Virgílio de Lemos, ainda pouco estudado devido, talvez, ao fato de ter deixado seu país para escapar da perseguição da Polícia Internacional e de Defesa do Estado – PIDE –, o que foi interpretado como uma espécie de abandono da pátria e incutiu certa reserva de seus próprios conterrâneos em relação à sua obra. Ressaltamos, contudo, que atualmente a importância da obra poética virgiliana vem sendo merecidamente reconhecida, em relação tanto a sua ambição cultural como política.

Em recusa ao fazer literário inicialmente imposto pela colonização

portuguesa, os intelectuais anticolonialistas de certa forma também impuseram o engajamento como mote para a escrita, pois a literatura devia ter o papel de resistência. Virgílio de Lemos, entretanto, rompe tanto com a imposição colonialista, quanto com a exigência anticolonialista. Apesar da face engajada de seu pseudônimo Duarte Galvão, “esta preocupação nunca se superioriza ao desejo de expressão lírica dos seus sentimentos íntimos”. (ANGIUS, 1999, p. 134). A maioria dos poemas virgilianos, assim, privilegia a estética em detrimento dos dogmas, de maneira sempre inovadora, transgressora e rebelde, como pretendemos abordar neste estudo.

Neste trabalho, a discussão de aspectos da obra poética de Virgílio de Lemos se fará em diálogo com a proposta de **Msafo**, que ajudou a traçar e a concretizar os rumos de uma literatura própria em Moçambique. Os editores do jornal **Msafo**, Virgílio de Lemos, Domingos de Azevedo e Reinaldo Ferreira, “buscam nas raízes da cultura tradicional e no diálogo com movimentos artísticos externos os caminhos a serem trilhados pela literatura moçambicana”. (FONSECA, 2008, p. 43). Nesse sentido, observaremos na poética de Virgílio de Lemos os diálogos estabelecidos com movimentos externos e a busca da tradição, que está representada na procura da própria poesia através do recurso metalinguístico, buscando destacar a enorme importância desse poeta no sentido de uma afirmação da literatura e da cultura moçambicana.

A HETERONÍMIA E OS DIÁLOGOS

A produção poética de Moçambique se manifesta, enquanto projeto de uma literatura própria, nos anos de 1950, com destaque para o jornal **Msafo**, do qual o poeta Virgílio de Lemos é o principal representante. Na poesia virgiliana, as propostas de **Msafo** se manifestam de maneira contundente, o que reitera a importância de estudarmos sua obra para uma melhor compreensão do processo de construção de uma literatura realmente representativa de Moçambique.

Virgílio de Lemos nasceu na ilha de Ibo, ao norte de Moçambique, em 1929. Nascido sob o signo das vanguardas, o poema que escreve sobre seu nascimento, cujo título é “Insólito, um espanto espantado de si mesmo”, traz características da escrita automática proposta pelos surrealistas:

Quando eu nasci a vinte e nove, espanto meu
Breton inquiria sobre o Amor no mundo.
A minha mãe pedi que lhe mandasse recado
que ele não perdesse tempo com desencantos,
que fizesse amor sem gramáticas nem sutras.
E minha mãe riu. Inquérito para ela toda
de ironias, é uma forma de medir dos outros o saber e
o sentir. E todos sabem que o Amor é
a espiritualidade que irriga o corpo e
a Arte. Desde sempre. Desejo. Desde o Amor.
(LEMOS, 1999 a, p. 24-25).

Além dos traços surrealizantes, identificamos também na poesia virgiliana outras tendências vanguardistas. O movimento Dada, surgido na Europa em 1916 em protesto à irracionalidade da Primeira Guerra Mundial, ecoa na proposta de **Msafo** e, conseqüentemente, na poesia de Virgílio. Podemos perceber esses ecos, por exemplo, no poema “Msafo dada”, que consta no livro **Eroticus moçambicanus** (1999), obra que traz poemas escritos de 1944 a 1963. O citado poema é caracterizado pelo automatismo e pelo *non-sense* visível no agrupamento de nomes e palavras. Muitos desses nomes, inclusive, se remetem às vanguardas europeias: são citados no poema os surrealistas Leiris e Lautréamont, sendo este último um dos precursores do movimento. É mencionado também um dos fundadores do dadaísmo em Zurique, Tristan Tzara, que envolveu-se com o surrealismo após o declínio do movimento Dada:

Lautreamont Leiris
Ball Ernest &
Tzara eroticus
moçambicanis
msafo
de raízes aéreas
de ilha em ilha
mar
descentralizado DADA. (LEMOS, 1999 a, p. 31).

Como verificamos a partir dos versos citados, Virgílio de Lemos estabelece em sua poesia diálogos com diversos movimentos externos. Nesse sentido, é importante destacarmos que o próprio poeta condensa em si heranças várias: as de seus pais portugueses e “longínquos traços da cultura oriental”, cujo legado “é ainda bastante vivo na cartografia de Ibo” (SECCO, 2003, p. 142), já que essa região havia sido habitada por árabes, cuja cultura se mesclou às tradições africanas. É essencial, além disso, considerarmos que Moçambique se encontra na costa índica da África, o que anuncia um território em que a cultura ocidental não é hegemônica, devido a diálogos constantes e antigos com os países orientais. O poeta refere-se a essa terra híbrida, em que convergem as culturas africana, árabe e portuguesa, no poema “Inefável luz do eterno”:

Aqui nasci
filho de uma filosofia,
receptáculo de mil
bocas em busca do irreal. (LEMOS, 1999 a, p. 24).

Tendo em vista esse hibridismo do território e a própria fragmentação em ilhas da costa moçambicana, vemos constituir-se um poeta múltiplo na forma de se expressar. Virgílio busca a identidade de sua terra e, conseqüentemente, sua própria identidade, justamente através da multiplicidade, pois a unidade não abarcaria a diversidade das ilhas e da expressão do poeta. Como confirma Mia Couto, em prefácio ao livro **Eroticus Moçambicanus** (1999), o poeta Virgílio de Lemos

como cidadão procurava a sua cidadania. Como poeta subvertia a própria ideia de cidadania. Dividido enquanto ser, a estratégia da sua escrita não podia ser outra senão a dispersão. Virgílio se reparte em heterônimos. (COUTO, 1999 a, p. 16).

Essa heteronímia virgiliana é caracterizada da seguinte maneira por Fonseca:

Duarte Galvão se destaca pelo engajamento social; Bruno dos Reis escreve crônicas; Li Lee Yang, heterônimo feminino, embora o próprio nome Yang seja o símbolo oriental do masculino, escreve poemas amorosos para Duarte Galvão; V. Klint escreveu poemas entre 1967 e 1973; e V. Ernest escreveu um livro de análise política. (FONSECA, 2008, p. 43).

O próprio Virgílio de Lemos caracteriza sua heteronímia como “uma constelação telúrica” e uma “teia de fugas”, e destaca ainda que “foi capaz de vários desdobramentos, mas cada um destes se liga, na teia de aranha pacientemente construída, a um dos pontos da elipse que é o Virgílio de Lemos”. (1999 a, p. 142-143). A heteronímia, assim, além do objetivo de burlar a censura, pretendia ultrapassar o provincialismo colonial e o isolamento da ilha, trazendo a Moçambique diálogos externos e os ecos dos movimentos de vanguarda. No poema “Insólito, um espanto espantado de si mesmo”, percebemos a confluência dos diálogos que Lemos traria para sua terra, através de sua poesia:

Quando eu nasci em vinte e nove, gritei de revolta
a meio do mar, eu vela, eu balão iboisado, saudei o mundo
o dadaísmo Kafka Dostoievsky Tchekov Camões e Eça, Assis,
[Graciliano, e Pau Brasil de Andrade.
Os velhos me falaram do Rio capital de Moçambique,
pimenta, ouro e escravatura início dos Oitocentos. (LEMOS, 1999
a, p. 25).

No citado trecho, vemos que os diálogos propostos não se referem apenas ao que era produzido naquele momento em outros lugares, mas também às produções artísticas de outros tempos. É interessante notarmos, entretanto, que simultaneamente a esses diálogos propostos pelo poeta, vemos a preocupação com a tradição, a importância de se ouvir o que os mais velhos contam oralmente sobre a história pátria. Essa seria justamente a proposta de **MsaHo**: traçar os caminhos da literatura moçambicana através do diálogo com os movimentos artísticos externos e, ao mesmo tempo, um mergulho na tradição.

A BUSCA DA TRADIÇÃO E A METALINGUAGEM

A busca das raízes da cultura tradicional moçambicana é, por uma relação metonímica, a tentativa de construção de um fazer poético que fosse próprio do território. Nesse sentido, consideramos que o poeta expressa a procura dessa tradição através da metalinguagem, que abarcaria a referida busca das raízes aéreas da cultura e do próprio fazer literário.

As estratégias inovadoras da construção poética virgiliana dizem muito de Ibo, ilha ao norte de Moçambique, cujo território insular fragmentado é indício de uma compreensão diferenciada do sentido de unidade. Assim, se a própria pátria tem sua unidade formada por fragmentos insulares, a busca de sua tradição não pode se dar a partir de uma visão estanque, mas sim, a partir de olhares múltiplos que abarquem a diversidade das ilhas e do continente e, portanto, da identidade da terra e de seus sujeitos. É fundamental que esse hibridismo da terra de Virgílio de Lemos, em que convergem as culturas africana, árabe e portuguesa, seja considerado na leitura de seus poemas. Dessa maneira, a fragmentação das ilhas pode ser identificada no modo de construção de sua poesia, como vemos no poema “Estalo da língua”:

noites viajantes
esteiras e raízes aéreas
frangipanis baneanes
kifulo-me ouamiso-me iboizo-me e
sendo mil sou eu
no império dos sentidos. (LEMOS, 1999 b, p. 32).

O citado exemplo nos mostra que as raízes da cultura de Moçambique seriam raízes aéreas, porque, mais do que se aprofundar, elas se espalham e tocam as diversas culturas que dialogam através do oceano Índico. Como consideramos anteriormente, o espaço índico seria aquele em cujos diálogos a cultura ocidental perde sua hegemonia em detrimento das culturas orientais. Com isso, sendo mil, o poeta é um e, assim, a sua identidade é construída na diversidade.

A busca da tradição está representada nas construções surreais da poética virgiliana, pontuadas de pulsões que se voltam para o próprio fazer literário. Uma relação incestuosa com a língua é estabelecida através do erotismo com que o poeta se manifesta sobre sua própria criação. Chega um momento, entretanto, em que o poeta é que é usado pela língua, e não o contrário. Nesse sentido, é interessante observarmos o poema “Antropofagia delirante”:

Mas qual o poeta que não tem
incestuosa
uma relação com a língua
qual a língua que não devora
o poeta? (LEMOS, 1999 a, p. 32).

Na relação erótica que o poeta estabelece com a língua, percebemos traços do que ele denomina barroquismo estético, que se apresenta através de uma linguagem lúdica e do rompimento com o equilíbrio ocasionado pela vertiginosa poesia. Esse barroquismo atua na poética virgiliana como um

instrumento de rebeldia, onde a emoção predomina, rompendo com o equilíbrio clássico. O excesso e o exagero, a abundância e o desperdício caracterizam a linguagem barroca, cuja extroversão busca o sem limites, o prazer, o erotismo. Segundo Walter Benjamin, o barroco é a alegoria do desengano. É espelho deformado. Através do estilhaçamento semântico e fônico, faz o riso contracenar com a

melancolia e com o vazio. É preciso ler o alegórico que se expressa pela ludicidade da linguagem. (SECCO, 2003, p. 146).

A partir dessas reflexões sobre um erotismo barroco e da citada relação incestuosa que o poeta estabelece com a língua, percebemos a importância da metalinguagem, associada ao erotismo. A relação erótica com a língua e, conseqüentemente, com o próprio poema, se manifesta justamente através da metalinguagem, em que o corpo do poema se metamorfoseia no corpo da mulher a ser possuído pelo poeta:

Na cama ou no chão
é que eu te quero
(...)
Apunhala-a aperta-a
entre os lábios
entre as pernas
faz da poesia a saudade
faz dela
menina-mulher
amante.
(LEMOS, 1999 a, p. 33)

Com relação ao erotismo presente na poesia de Virgílio, é importante destacarmos que entre todos os seus heterônimos “se estabelece um elo comum – a atracção pelo mar e pela forma voluptuosa do corpo, seja ele da mulher ou da terra”. (ANGIUS, 1999, p. 132). Assim, além do corpo do poema relacionado ao corpo feminino, temos também a ilha metaforicamente associada ao corpo. Ainda segundo Angius:

as ilhas aparecem antropomorfizadas, ganham membros, seios cabelos e ondas, vestidas de azul ou de neblina, envolvidas por cenários de palmares e perfumadas pelos odores agro-doces das suas frutas, ao olhar do poeta se enlaçam; e daí são lançadas na geografia do poema que no-las dá a ver como mulher amada, nua e reclinada para receber a torrente dos seus beijos. (ANGIUS, 1999, p. 133).

Ao considerarmos a presença da ilha nos poemas de Virgílio de Lemos, é inevitável que consideremos também o mar, que é muito importante e presente na vida dos habitantes de ilhas, no caso, de Ibo. A lua influencia as marés, que invadem a ilha ou se retraem, e esses fluxos e refluxos estão presentes no vai-e-vem da poesia vertiginosa de Lemos. Nesse sentido, o corpo da ilha é relacionado também ao corpo do poema. Podemos verificar essa condensação do corpo da mulher com o corpo da ilha, e ambos com o corpo do próprio poema, em “Fim de tarde em Lourenço Marques”:

Quem viveu teu corpo
por dentro,
teus sentidos e paixões
perde-se em ti,
nunca te esquece. (LEMOS, 1999 a, p. 84).

A ilha solitária em meio ao mar, apesar de num primeiro momento representar a solidão e o isolamento que o poeta pretende romper

através dos diálogos com movimentos externos, é exatamente o lugar onde há o convívio. Da mesma maneira, a ilha da palavra é onde o poeta se refugia e se isola, mas é também onde dialoga através da construção poética, ideia esta expressada no poema “Artificialmente”:

No caramanchão abrigado
sob uma rede de entrelaçadas vinhas
defendo-me do sol intenso
mas não me isolo completamente.
Os barulhos do exterior
invadem-me. Artificialmente
preenchem o vazio. (LEMOS, 1999 a, p. 22).

No poema, podemos perceber um jogo entre luz e sombra, esta referida em caramanchão e também nas cerradas persianas que produzem estreita faixa de luz e sombra. Assim, o isolamento do eu-poético é relativo, já que a luz ou os barulhos do exterior chegam até ele. Considerando que tais sons vindos de fora sejam os ecos das vanguardas artísticas, podemos entender que a luminosidade do sol e o som metaforizem os diálogos propostos por **Msafo** com movimentos artísticos externos. O eu-poético, entretanto, defende-se do sol intenso, o que mostra que os diálogos estabelecidos não descaracterizariam sua produção literária e nem se sobreporiam à tradição.

O movimento **Msafo** procurou despertar um novo olhar sobre a literatura moçambicana propondo, figurativamente, um voltar-se para a ilha e, simultaneamente, buscar sair do isolamento. Essa dupla proposta contemplou a diversidade da cultura de Moçambique e de suas ilhas e possibilitou a afirmação de uma identidade múltipla que, assim como a geografia insular do local de nascimento de Virgílio de Lemos, se constituiria de fragmentos. O poeta, de maneira metonímica, afirma sua identidade poética a partir da multiplicidade de seus heterônimos, através dos quais busca diálogos com movimentos artísticos externos.

Quanto à busca da tradição, percebemos que está representada no empenho da própria poesia virgiliana para se encontrar e no erotismo metapoético de sua obra: os corpos da mulher, da ilha e da poesia são associados, e assim se manifesta a metalinguagem. No encaixe das raízes da cultura, entretanto, o poeta considera suas “raízes aéreas”, pois, mais do que se aprofundarem e fixarem-se, elas se espalham e, assim, alcançam outras múltiplas culturas. Nesse sentido, a própria tradição moçambicana se constituiu justamente através de diálogos mais antigos estabelecidos com os povos orientais através do oceano Índico, no decorrer dos séculos.

Percebemos, assim, que a procura dos diálogos para romper o isolamento de Moçambique e de suas ilhas, propostos por **Msafo**, e o resgate dos antigos diálogos que estabeleceram a tradição revelam-se buscas semelhantes, sendo convergências que apenas se deram em tempos históricos diferentes. São a procura do múltiplo, da diversidade moçambicana, que é justamente o que constitui sua identidade.

Tendo isso em vista, constatamos a ambição que se revela nos versos de Virgílio de Lemos, reafirmados nos próprios movimentos artísticos externos com os quais dialoga, como o surrealismo e o dadaísmo. Tais movimentos pretendiam uma libertação não somente na arte, mas

do homem na sociedade, o que apenas reafirma a transcendência da proposta de **Msaho**, que não se ateve apenas à renovação literária mas, através desta, procurou despertar um sentimento nativista no povo moçambicano. Burlando o domínio colonial a partir de um fazer literário diferenciado, o jornal **Msaho**, apesar de censurado, deixou o vislumbre da possibilidade de mudança e de renovação para o país, o que revelou sua libertação intelectual em relação à metrópole e culminaria, posteriormente, em sua independência política.

Abstract

This is a study about the poetic proposal of the journal *Msaho* and its most representative member, the poet Virgílio de Lemos. It intends to show the dialogues established by the poet with several external artistic movements through his heteronyms, which reveal an identity constructed by the multiplicity – of the islands and the forms of poetic expression. It also attempts to show the search for Mozambican tradition and its “air roots”, which coincides with the pursuit of the poem and manifests itself by the metalanguage. This study analyses, therefore, some poems from the poetic work of Virgílio de Lemos focusing on cultural and political project of **Msaho**, which converges to the construction of a specific and representative literature of Mozambique.

Keywords: Virgílio de Lemos; **Msaho**; Dialogues; Tradition; Metalanguage.

REFERÊNCIAS

- ANGIUS, Fernanda. Entre os oceanos e o amor viaja o poeta. In: LEMOS, Virgílio de. **Eroticus moçambicanus**: breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944/1963). Rio de Janeiro: Nova Fronteira ; UFRJ, p. 131-138, 1999.
- COUTO, Mia. Prefácio. In: LEMOS, Virgílio de. **Eroticus moçambicanus**: breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944/1963). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; UFRJ, p. 15-17, 1999 a.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literaturas africanas de língua portuguesa: projetos literários e expressões e nacionalidade. In: **Literaturas africanas de língua portuguesa**: percursos da memória e outros trânsitos. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, p. 17-52, 2008.
- LEMOS, Virgílio de. **Eroticus moçambicanus**: breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944/1963). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; UFRJ, 1999a.
- LEMOS, Virgílio de. **Ilha de Moçambique**: a língua é o exílio do que sonhas. Maputo: Amolp, 1999b.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. A vertigem da criação. In: **A magia das letras africanas**: ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola e Moçambique e alguns outros diálogos. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora; Barroso Produções Editoriais, p. 141-149, 2003.